

Artigo / Article

Fragmentos de si: construção da(s) identidade(s) e da memória do escritor Manuel dos Passos de Oliveira Telles na obra epistolar "Carta Íntimas e Literárias"

Fragments of self: construction of identity(ies) and memory of the writer Manuel dos Passos de Oliveira Telles in the epistolary work "Intimate and Literary Letters"

Renata Ferreira Costa 

Universidade Federal de Sergipe, Brasil
renataferreiracosta@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0002-4263-4955>

Luiza Daviane Santos Barbosa 

Universidade Federal de Sergipe, Brasil
luiza.daviane@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-7473-6614>

Recebido em: 30/05/2024 | Aprovado em: 08/12/2024

Resumo

Este artigo analisa a obra *Cartas Íntimas e Literárias* (1915) com o objetivo de traçar o perfil (auto)biográfico do escritor brasileiro Manuel dos Passos de Oliveira Telles (1859-1935), uma figura proeminente na cena literária e historiográfica de Sergipe na transição entre os séculos XIX e XX. Investiga-se como o autor registra eventos pessoais e sentimentos e explora sua relação com o contexto social e cultural, ao mesmo tempo em que constrói e projeta sua(s) identidade(s) através da escrita. Além disso, discute-se o potencial dessa coletânea de correspondências como uma estratégia para alcançar reconhecimento literário. Esse livro epistolar inédito constitui-se como um patrimônio documental que contribui significativamente para a preservação e difusão da memória individual de Oliveira Telles e da memória cultural sergipana. Sua escrita introspectiva e crítica oferece uma visão única da complexidade humana, tornando-se valiosa não apenas como documento histórico, mas também como obra literária de grande relevância.

Palavras-chave: Gênero epistolar • Correspondência • Autobiografia • Biografia • Literatura epistolar

Abstract

This article analyzes the work *Intimate and Literary Letters* (1915) with the aim of tracing the (auto)biographical profile of the Brazilian writer Manuel dos Passos de Oliveira Telles (1859-1935), a prominent figure in the literary and historiographical scene of Sergipe in the transition between the 19th and 20th centuries. It investigates how the author records personal events and feelings and explores his relationship with the social and cultural context, while simultaneously constructing and projecting his identity(ies) through writing. Additionally, the potential of this collection of correspondence as a strategy for achieving literary recognition is discussed. This unpublished epistolary book constitutes a documentary heritage that contributes significantly to the preservation and dissemination of Oliveira Telles' individual memory and Sergipe's cultural memory. Its introspective and critical writing offers a unique insight into human complexity, becoming valuable not only as a historical document but also as a literary work of great relevance.

Keywords: Epistolary genre • Correspondence • Autobiography • Biography
• Epistolary literature

Introdução

Na contemporaneidade, a comunicação escrita por meio de cartas é uma prática social menos frequente, que tem acompanhado a transição para a era digital. Como destaca Rodrigues (2017, p. 8), “o tempo das cartas passou, levado pelo tsunami digital que varreu o mundo, mas a velha correspondência manuscrita ou datilografada conserva seu poder mágico de máquina no tempo”. No entanto, é imperativo reconhecer que houve um longo período na história em que a interação epistolar representou, segundo Castillo Gómez (2020, p. 127), “uma das manifestações escritas de maior tradição e estabilidade, além da principal forma de comunicação entre pessoas”. Nesse contexto, o diálogo epistolar, uma conversa à distância com o interlocutor ausente da cena enunciativa, desempenha um papel fundamental na manutenção das relações pessoais, políticas e intelectuais e na expressão de uma individualidade.

A correspondência apresenta múltiplas funções, como a troca de informações e ideias, a construção e manutenção de redes de sociabilidade, o registro de eventos pessoais e históricos, a confissão de aspectos íntimos, a revelação de cenas do cotidiano e a produção de uma representação identitária. Conforme Seara (2006, p. 19), as cartas são um “testemunho ímpar da autenticidade das relações pessoais, culturais e sociais de uma época ou de um autor”. Nesse sentido, elas se configuram como uma valiosa fonte de informações sobre eventos passados, interações humanas e valores da sociedade em que foram escritas, enriquecendo a compreensão dos processos históricos e da complexidade das relações interpessoais.

O gênero epistolar corresponde a uma prática social de comunicação escrita, caracterizada “pela instabilidade de suas formas e flexibilidade de seu uso” (Haroche-Bouzinac, 2016, p. 12) e pela natureza nômade, fronteira, híbrida, confessional, lacunar e fragmentária,

LINHA D'ÁGUA

tendo como principal motivação de sua existência o distanciamento físico entre os interlocutores.

A pesquisadora Brigitte Diaz, uma das maiores referências nos estudos epistolográficos, propõe uma definição de carta baseada em quatro aspectos fundamentais: como um documento, um texto, um discurso e um fazer. Essa classificação proporciona uma compreensão multifacetada da correspondência, destacando sua relevância como meio de comunicação e como objeto de estudo, como território do testemunho e como território da literatura.

A carta é um *documento* na medida em que registra informações e testemunhos, preservando-os de forma duradoura e servindo como evidência “histórica, sociológica, política ou literária” (Diaz, 2016, p. 55). Para os estudos históricos, a carta constitui-se como fonte primária, podendo lançar novos olhares sobre o passado e desvelar a história oficial. Enquanto documento sociológico, a correspondência ajuda a compreender a dinâmica das interações sociais e a estrutura das relações humanas. No campo literário, as missivas proporcionam aos pesquisadores uma visão privilegiada das intenções, pensamentos, expectativas, redes de influência e colaboração, bem como dos processos criativos dos escritores, fazendo o leitor “participar *a posteriori* não somente da gênese, da maturação, mas também da recepção da obra”, segundo Diaz (2016, p. 55), enriquecendo assim o trabalho da Crítica Genética.

Para além de registro documental, a carta pode ser encarada como *texto* “animado de intenções estéticas mais ou menos confessadas, sustentado por uma representação do ato de escrever e pela ideia que o epistológrafo tem da literatura” (Diaz, 2016, p. 58). Nessa perspectiva, uma carta não deve ser vista apenas como um documento informativo ou factual, mas também como um espaço onde o missivista, escritor ou escritor em potencial, exercita sua criatividade, influenciado por leituras e experiências literárias anteriores. Assim, apesar de controvérsias levantadas ao longo da história – “a carta foi deixada às margens do literário por toda uma modernidade crítica” (Diaz, 2016, p. 158) –, advoga-se que, entre a carta e a literatura, há fortes correspondências.

Às vezes utilizada apenas como paratexto da obra literária, “como base para os estudos das fontes ou para resolver problemas de datação da gênese do texto” (Haroche-Bouzinac, 2016, p. 161), a correspondência de autor também pode ser vista como um laboratório de experimentação, onde “o escritor faz a crônica da obra que se encontra em andamento” (Haroche-Bouzinac, 2016, p. 164), ou ainda como repositório da ficção. Contudo, o gênero epistolar é frequentemente excluído do rol dos gêneros literários e, portanto, considerado um gênero menor.

Rocha (2017) argumenta que a razão da “menoridade” da carta está ligada ao fato de parecer ser uma forma de escrita fácil, simples, espontânea e pouco elaborada, ou seja, por exigir aparentemente pouco de seus autores. Contrária a essa justificativa, Diaz (2016) afirma ser a estrutura da carta, com datação e endereçamento, o motivo de sua exclusão da literatura. No entanto, “o que une e pode até confundir os limiares entre carta e literatura são suas

pre disposições para a escrita do ‘eu’, para o trabalho da escrita visto como bricolagem de técnica, de memória, de perda e de fluxos de consciência” (Rocha, 2017, p. 14). Acrescente-se a questão do uso da linguagem: espera-se de uma carta o uso corrente ou científico da linguagem, de caráter denotativo e referencial, reservando-se ao texto literário o uso conotativo, figurativo e expressivo. Contudo, de acordo com Cabral (2015, p. 102),

[...] é mais provável que, no discurso das cartas, essas três linguagens estejam imbricadas, [...] uma vez que, nas cartas pessoais de escritores já consagrados ou visando a essa consagração, a ficção e a poesia façam parte de seu discurso, carregando esse de conotação, ambiguidade e plurissignificação.

Portanto, a experiência epistolar situa-se na fronteira entre a esfera do discurso e a esfera literária (Haroche-Bouzinac, 2016), pois a escrita de cartas foge de uma prática espontânea, ingênua e completamente não ficcional; pelo contrário, “pode haver a presença de elementos estéticos, principalmente em relação ao estilo e à composição” (Cabral, 2015, p. 103). Essas características configuram-na como um ato criativo de produção de si, um “diálogo tácito empreendido à distância no qual um dos interlocutores convoca o outro para um processo de escrita de cunho intimista voltado para o desvendamento pessoal e para a autoanálise” (Rocha, 2017, p. 18).

Enquanto *discurso*, a carta remete à interação entre os interlocutores, refletindo a dinâmica comunicativa da ausência do outro e as relações sociais envolvidas, mas também atua como um meio de reviver eventos do passado, preservar memórias e explorar subjetividades. Há que se considerar ainda a habilidade do missivista em modular seu discurso de acordo com o interlocutor, processo que envolve a escolha cuidadosa da linguagem, tom e conteúdo, ajustando-se às expectativas, ao nível de intimidade e ao contexto cultural do destinatário.

Na cena da enunciação da comunicação epistolar, Diaz chama a atenção para quem realmente é o interlocutor das cartas ou para a relação que o autor estabelece com seu interlocutor. De acordo com a autora, a escrita da missiva rompe “com o imaginário da sociabilidade epistolar que ela tenta, entretanto, perpetuar” (Diaz, 2016, p. 63), pois o diálogo é, na verdade, estabelecido com o próprio missivista, que, embora se dirija a um outro imaginário, escreve para si mesmo, criando imagens de si e adotando um *ethos* sob medida.

Finalmente, Diaz entende a carta também como um *fazer*, uma prática social que transcende a mera escrita, influenciando e moldando comportamentos, atitudes e decisões dos envolvidos, à medida em que “escrever a carta, endereçá-la, enviá-la, é uma tentativa de agir à distância, de acreditar na virtude performativa do discurso epistolar” (Diaz, 2016, p. 66). Em última análise, a interface epistolar é um espaço de relações de poder, em que, como afirma Diaz (2016, p. 68), “negociam-se empiricamente postulações identitárias”.

Essa explanação evidencia que a ação do epistológrafo está centrada no eu, moldando uma narrativa sobre si mesmo. Ao escrever cartas, o indivíduo se engaja em um diálogo interno, refletindo sobre suas experiências, sentimentos e percepções. Esse processo permite uma autoanálise profunda, em que o autor, ao endereçar suas palavras a um outro, simultaneamente

fala consigo mesmo, revisitando e reinterpretando sua própria história. Cria-se, então, um texto que é simultaneamente um espelho e uma janela: um reflexo do eu interior e uma visão oferecida ao outro. Essa forma de escrita autorreferencial oferece uma oportunidade para a construção da identidade e autorrepresentação, revelando aspectos muitas vezes ocultos ou negligenciados na comunicação cotidiana. De acordo com Rocha (2017, p. 24), definir a carta como escrita e compreensão de si leva a considerar que

Tudo se passa como se o espaço epistolar promovesse um encontro do missivista consigo mesmo e com suas questões, solicitando-lhe passar a limpo, vasculhar, reinventar e imaginar a vida que pretende escrever. Disposto a desvendar as várias nuances de suas experiências, o epistológrafo promove uma autogênese programada e nela colore com as cores que deseja sua personalidade, seus costumes, suas reações e suas interações na vida social.

A natureza pessoal das correspondências contribui para sua autenticidade como forma autobiográfica¹. As cartas são, essencialmente, monólogos internos direcionados a outra pessoa, permitindo autorreflexão, apresentação dos bastidores da vida privada e pública e expressão da visão de mundo do epistológrafo, elementos frequentemente ausentes em escritos destinados a um público mais amplo.

O potencial autobiográfico das cartas as insere no conjunto dos gêneros da escrita de si, ou “egografia”, termo cunhado por Yves Coirault (Diaz, 2016, p. 95), como o diário, a autobiografia, a confissão e as memórias, cada um com suas particularidades e formas de expressão. Como salienta Diaz (2016, p. 41), “menos impositiva que o jornal², menos solene que a autobiografia, a escrita da carta apresenta-se então aos narcisistas epistológrafos como o instrumento acessível de uma captura de si”. Assim, enquanto o diário é um registro íntimo e cotidiano das experiências vividas, e a autobiografia uma narrativa mais estruturada e abrangente da trajetória de vida de uma pessoa, a carta ocupa um espaço intermediário. Ela combina a espontaneidade e a reflexão íntima do diário com a intenção comunicativa da autobiografia, dirigida a um destinatário específico, real ou imaginário.

A prática epistolar não apenas documenta a vida do missivista, também participa ativamente na construção dessa vida, permitindo que o autor explore diferentes facetas de si mesmo, revise suas percepções e sentimentos, exponha variados estados de sua alma e encontre um sentido nas suas experiências.

¹ Utiliza-se aqui a concepção de Lejeune (2014), que apresenta o texto autobiográfico como “uma narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência” (Lejeune, 2014, p. 16), em um compromisso tácito entre autor, narrador e protagonista, assegurando que essas instâncias coincidam em uma mesma identidade. Essa definição estabelece que o texto autobiográfico é caracterizado por uma relação explícita entre a obra e a vida do autor, marcada pela promessa de veracidade e pela intenção de narrar a própria história.

² Na edição de 2016, traduziu-se o termo francês “*journal*” por “jornal”, quando o mais adequado na língua portuguesa do Brasil seja “diário”.

Nesse contexto, as correspondências de escritores emergem como espaços privilegiados de pesquisas para a compreensão dessas práticas de escrita de si. É nesse cenário que se insere o objetivo deste artigo científico: analisar o livro *Cartas Íntimas e Literárias*, do escritor brasileiro Manuel dos Passos de Oliveira Telles, uma figura proeminente na paisagem literária, cultural e historiográfica de Sergipe entre os séculos XIX e XX, à luz da teoria sobre o gênero epistolar e sua vocação autobiográfica. Essa análise visa desvendar aspectos da vida do autor, suas sociabilidades epistolares e os contornos de sua personalidade.

Essa obra literária, uma compilação de cinquenta e quatro cartas ativas datadas entre 1886 e 1915, expõe aspectos (auto)biográficos de Oliveira Telles, oferecendo uma rica oportunidade para explorar como o autor constrói e projeta sua identidade através da escrita. Esse conjunto epistolar, enquanto egodocumento, não apenas registra eventos e sentimentos pessoais, mas também revela a relação do autor com seu mundo social e cultural.

Ademais, abre-se espaço para discutir em que medida esse livro epistolar pode ser considerado um projeto de construção identitária destinado às gerações futuras. Nesse contexto, as cartas selecionadas e reunidas funcionariam como uma estratégia para o autor alcançar a glória literária que não obteve em vida.

1 Aspectos da vida e obra de um escritor "obscuro"

Manuel dos Passos de Oliveira Telles (1859-1935), jurista e escritor brasileiro nascido na então Vila de Nossa Senhora do Socorro do Tomar da Cotinguiba, em Sergipe, é reconhecido por sua relevância na literatura e historiografia local, não apenas pela qualidade de sua escrita, mas também por sua contribuição para a preservação da memória e da cultura sergipana.

Com uma sólida formação humanística, que teve início na infância sob orientação de seu pai, o padre Antonio Moniz Teles, e foi enriquecida ao longo dos anos no Colégio Atheneu Sergipense e na renomada Faculdade de Direito do Recife, desbravou diversas áreas do conhecimento, o que o levou a produzir uma vasta gama de textos de natureza poética e ficcional, como poemas, contos, novelas, romances e dramas, e não-ficcional, como artigos, ensaios, críticas, traduções, discursos e conferências. No entanto, apesar de sua prolífica produção intelectual, uma parte significativa de suas obras permaneceu inédita ou dispersa em jornais locais, como observa Bitencourt (1913). Essa disseminação fragmentada, aliada à sua exclusão da cena literária nacional, reflete um paradoxo na vida do autor: embora dotado de talento e determinação, não alcançou a consagração desejada, permanecendo muitas vezes à sombra de seus conterrâneos mais celebrados.

Importante salientar que, ao terminar o curso de ciências jurídicas e sociais em Recife, em 1885, Oliveira Telles não pretendia retornar a Sergipe, como lhe havia aconselhado seu mestre e amigo Tobias Barreto, uma vez que, em uma região pequena, provinciana e distante dos centros irradiadores de cultura da época, teria dificuldades para ascender profissionalmente

na burocracia pública e, como homem de letras, sua destreza literária não seria nacionalmente reconhecida. Pode-se argumentar que o escritor foi vítima da “maldição da origem”, uma expressão cunhada por Pascale Casanova (2022, p. 227 *apud* Carvalho, 2008, p. 75) ao se referir aos escritores que viviam ou produziam em espaços literários periféricos. Assim, a permanência forçada em sua terra natal, imposta pela família, contrariou seus desejos, resultando em decepções, arrependimento e ressentimento ao longo de toda sua vida. Tais sentimentos deixaram marcas profundas, levando Oliveira Telles a se autodenominar “obscuro”, termo com o qual normalmente assinava as correspondências com colegas e amigos.

Entretanto, longe de ser um fracasso, a trajetória literária de Oliveira Telles é marcada por uma profunda ligação com a realidade sergipana e uma escrita que resgata as memórias e tradições locais. Ao permanecer em Sergipe, tornou-se, ao lado do também bacharel em Direito e escritor Joaquim do Prado Sampaio Leite, uma das figuras mais representativas dos estudos sobre Sergipe, contribuindo significativamente para a compreensão e valorização da “sergipanidade” (Albuquerque, 2014). Seu compromisso com a história e a cultura de seu povo é evidente não apenas em sua produção intelectual, mas também na atuação em entidades acadêmicas, culturais e políticas, como a Academia Sergipana de Letras, o Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, a Academia Maçônica Sergipana, o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, o Partido Cabaú, o Centro Socialista, o Partido Socialista, o Centro de Propaganda do Voto Secreto de Sergipe, a Sociedade Lira Cristovense e o Centro Pedagógico de Sergipe.

No campo educacional, Oliveira Telles foi professor e diretor do Atheneu Sergipense e diretor da Instrução Pública de Sergipe, como aponta Costa (1955).

A atuação do escritor na magistratura foi uma extensão natural de sua formação jurídica. Mesmo antes de completar seus estudos na Faculdade de Direito, iniciou sua carreira como promotor público, logo ascendendo a juiz de direito. Seu trabalho no judiciário proporcionou-lhe a oportunidade de viver em diversas cidades sergipanas, conhecendo assim diferentes realidades socioculturais e estabelecendo um equilíbrio entre suas habilidades analíticas e sua sensibilidade para criar obras que não apenas entretêm, mas também provocam reflexões sobre a condição humana e a sociedade.

Na esfera pessoal, Oliveira Telles compartilhou a vida com dona Maria Pastora, com quem construiu uma família de quatro filhos: Antonio, Maria Luiza, Garcilaso e Dafne. Em suas reflexões autobiográficas, o autor frequentemente revisitou momentos com seus entes queridos, destacando o amor e a dedicação que nutria por eles.

Oliveira Telles viveu em um período de transformações significativas na história e sociedade sergipana. Na transição entre os séculos XIX e XX, Sergipe passava por mudanças políticas, econômicas e sociais, com o declínio do sistema escravocrata e a introdução para uma economia baseada no cultivo da cana-de-açúcar e da pecuária, além da consolidação de novas formas de organização política e social. Esse contexto de mudanças influenciou a escrita do

autor, que, por meio de sua obra, documentou as novas realidades emergentes. Seus registros de cunho pessoal e autobiográfico e seus textos historiográficos, muito mais do que sua obra literária, refletem as tensões e esperanças de uma sociedade em transformação, oferecendo uma análise perspicaz das tensões políticas e injustiças sociais, bem como das possibilidades de progresso e modernização. Assim, a obra de Oliveira Telles não apenas preserva a memória da cultura sergipana, mas também serve como um importante registro das complexas dinâmicas de um período emblemático na história do estado e do Brasil.

Entre suas obras publicadas, destaca-se *Sergipenses: Escriptos Diversos* (1903), uma coletânea de vinte e nove textos literários e não literários produzidos entre 1885 e 1897. Muitos desses textos foram previamente publicados na imprensa local e abordam uma ampla gama de temas relacionados a Sergipe. Além disso, merecem atenção as obras *Ao romper do século XX: o município de São Cristóvão* (1907)³, *Limites de Sergipe* (1919) e *A Conquista de Sergipe* (1961).

De sua produção poética, ressalta-se o poema “Itabaiana”, a coletânea inédita de poemas intitulada *Christophaneida* e o livro manuscrito *Cartas Íntimas e Literárias*, também inédito.

Após o falecimento de Manuel dos Passos de Oliveira Telles em 1935, seu legado intelectual foi cuidadosamente preservado pelo Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), instituição que desempenha um papel vital na salvaguarda da história, memória e patrimônio cultural sergipano. Como sócio fundador e colaborador ativo do Instituto, Oliveira Telles demonstrou um compromisso profundo com a preservação e promoção da cultura sergipana, atestando sua importância como uma das figuras públicas e intelectuais mais influentes da região.

O acervo do IHGSE, considerado um dos mais importantes sobre o estado, abriga diversos fundos de escritores sergipanos, entre eles o Fundo Oliveira Telles, que compreende um total de seis caixas-arquivo, o que corresponde a 0,84 metros lineares de documentos em papel, escritos, em sua maioria, pelo próprio autor entre os anos de 1885 e 1930. Dentro desse acervo documental diversificado, sobressai um *corpus* de natureza autobiográfica, batizado por Costa (2024) como “Dossiê Autobiográfico”, composto por cartas, discursos, cadernos de anotações e livros manuscritos, que revelam não apenas os aspectos íntimos da vida de Oliveira Telles, mas também seu pensamento, sua interação com outros membros da elite intelectual de sua época e um panorama político e sociocultural de Sergipe nos últimos anos do século XIX e primeiras décadas do século XX.

³ A primeira edição da obra, de 1907, é raríssima. Recentemente, em 2023, foi publicada pela Editora Criação uma nova edição desse texto de Oliveira Telles, organizada pelos pesquisadores Ane Mecnas, Magno Santos e Angélica de Carvalho.

2 Construção de um eu autobiográfico

No “Dossiê Autobiográfico” de Oliveira Telles, destaca-se um conjunto de correspondências reunidas no livro manuscrito intitulado *Cartas Íntimas e Literárias* (Fundo Oliveira Telles, Cx. 190, doc. 15). Essa obra é uma compilação de cinquenta e cinco cartas pessoais, de cunho estritamente autobiográfico, escritas entre os anos de 1886 e 1915, nas quais o escritor sergipano aborda passagens de sua vida, oferece confissões e reflexões sobre sua intimidade, ao mesmo tempo em que apresenta um panorama da sociedade sergipana de sua época.

Embora explorada como *corpus* do trabalho de conclusão de curso em História de Isabela Costa Chizolini (2005), *Cartas Íntimas e Literárias* ainda não foi levada ao grande público, permanecendo inédita. Esse manuscrito encadernado, composto por 207 fôlios, data de 1915, em São Cristóvão, cidade que Oliveira Telles amava profundamente e à qual dedicou grande parte de sua vida, atuando politicamente e homenageando-a através de sua produção literária e histórica.

Essa obra epistolar apresenta um texto introdutório em latim, uma carta em forma de relato autobiográfico e uma compilação de cópias de correspondências escritas por Oliveira Telles e enviadas a sua rede de sociabilidade. Além desse conjunto de 54 cartas, a obra inclui mais duas cartas, uma delas de Tobias Barreto. O conjunto também contém quatro ofícios de órgãos públicos, assinados por várias autoridades, inclusive Oliveira Telles, os quais abordam questões políticas.

O texto de abertura, escrito em latim e intitulado “*Epistolae*”, constitui-se de duas epístolas carregadas de reflexões pessoais, sentimentos profundos e conselhos filosóficos e poéticos, que discorrem sobre a dor, o amor e o processo de entendimento das emoções e da existência. São endereçadas a um “amigo” e mencionam lugares específicos – as cidades sergipanas de Estância e Itabaiana, além de figuras como “Beatriz”, personagem literária central na obra *Divina Comédia*, do poeta italiano Dante Alighieri.

O uso do latim, assim como outros aspectos do estilo adotado e os temas abordados, dá um tom clássico e erudito ao texto, evocando um senso de continuidade com a tradição epistolar e com a tradição literária clássica e medieval.

Finalizadas as “*Epistolae*”, segue-se uma carta datada de 1905, mas sem destinatário expresso (aparenta ser uma carta aberta), em cujo início Oliveira Telles disserta sobre a gratidão e o reconhecimento como virtudes fundamentais, mas muitas vezes esquecidas e negligenciadas na história e na sociedade, numa espécie de ensaio filosófico. Tais virtudes parecem não faltar ao escritor, que as expressa a Josino Menezes, presidente do estado de Sergipe entre 1902 e 1905, por um favor recebido, o empréstimo de uma quantia em dinheiro quando o escritor decidiu sair de Gararu, onde era juiz municipal, e voltar a São Cristóvão, depois de ter sofrido as consequências de sua oposição pública ao governo do anterior presidente do estado, Manuel Prisciliano de Oliveira Valadão.

Aprendi nas lições de meu lar, que o homem se eleva todas as vezes que pesa com sinceridade a grandeza de um favor. Ouvi da boca de minha mãe que o que mais consola na vida é o reconhecimento votado a uma nobre ação que a um tempo nos felicita e torna indiscutível nosso merecimento (Telles, 1915, fol. 4v.).

Resolvi voltar para São Cristóvão e o dinheiro que tinha mal chegou para transportar-me com a família até Penedo. A quem recorrer em uma cidade estranha? Lembrei-me do Doutor Josino Menezes que foi quem emprestou-me o dinheiro necessário. Paguei na primeira ocasião, mas ficou-me na alma indelevelmente gravado o favor (Telles, 1915, fol. 10v.).

O texto continua com a narrativa de Oliveira Telles sobre sua própria jornada pessoal e profissional, destacando seus desafios, decepções e lutas políticas. O intelectual compartilha suas experiências de injustiça e perseguição, mas também sua resiliência e determinação em superar as adversidades. Ademais, oferece informações sobre momentos marcantes de sua vida e aspectos de sua personalidade e valores pessoais.

Oliveira Telles menciona sua entrada na vida pública em 1885, após receber seu diploma de bacharel em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Direito do Recife e retornar a Sergipe “com um título que poderia rasgar as portas do futuro” (Telles, 1915, fol. 6r.). No entanto, seu desejo de ascensão na magistratura, aspirando chegar ao cargo de desembargador, e de consagração nacional como homem de letras foi frustrado. Influenciado pela família a permanecer na terra natal, a quem não podia responder com desobediência e ingratidão, abdicou das ambições maiores para se dedicar aos deveres locais, contrariando, assim, sua própria vontade e o conselho do mestre e amigo Tobias Barreto para que permanecesse em Pernambuco:

Poderá ter eu acedido ao conselho, senão exigência, de nosso querido mestre Doutor Tobias Barreto, para ficar no Recife quando formei-me. Ele era um braço forte e um precioso amigo. Colocara-me porventura na Faculdade do Recife, pois eu sempre tive disposição para o estudo e ímpetos para fazer parte de um corpo docente. Entretanto, circunstâncias íntimas acorrentaram-me em Sergipe de onde não me ausentei mais (Telles, 1915, fol. 116v.).

Segundo Costa (2024, p. 141), “a permanência em Sergipe custou a Oliveira Telles arrependimento e ressentimento profundos, que os atormentaram por toda a vida”. Em carta a Aristides Navarro, datada de 26/07/1896, incluída adiante na coletânea *Cartas Íntimas e Literárias*, o escritor declara:

Sim, caro patricio, estou cansado de viver em nossa pátria. Pertença à grande família dos enganados da sorte, aos quais nenhum esforço aproveita. Sou bacharel, meu pergaminho não é nodoado, mas é infeliz. Vivo paupérrimo nesta cidade decadente, temendo pelo futuro de meus filhos, sem recursos para o acautelar. Das minhas relações da vida social colhi um diploma maçônico, que ainda não me serviu; talvez porque ainda não chegasse a ocasião (Telles, 1915, fol. 88r./ 88v.).

O distanciamento dos grandes centros literários e de cultura da época, combinado com uma personalidade “acanhada”, levou Oliveira Telles a se reconhecer à sombra de outros escritores, autointitulando-se diversas vezes um “obscuro”, como se observa, por exemplo, em carta enviada ao intelectual Laudelino Freire (Aracaju, 27/07/1913) – “Vivo longe dos centros de atividade literária e sou como uma sombra de outrora em face dos intelectuais que sabem

progredir. Eu não sei: sou um obscuro” (Telles, 1915, fol. 128r.), e ao general Siqueira Menezes (Aracaju, 18/09/1913) – “De quantos possam aparecer sou o único obscuro, e minha índole acanhada tolhe-me de afirmar merecimentos” (Telles, 1915, fol. 108v.).

Em relação ao seu posicionamento político, Oliveira Telles declara que, nos tempos de Recife, não se associou a agremiações políticas, mas que em sua juventude tinha afeição pelo republicanismo, sublinhando imaturidade nessa escolha em vez de um verdadeiro compromisso e compreensão ideológica.

Mais tarde, ao ingressar na vida pública, o escritor menciona o começo de sua participação na política, mas não como militante ativo. Nesse momento, ele indica a influência familiar também nas suas escolhas políticas, destacando que escolheu o partido conservador, alinhando-se com a opinião de seu pai. Essa passagem ilustra o impacto das dinâmicas familiares nas decisões políticas pessoais.

Embora Oliveira Telles se identificasse com as ideias conservadoras, no início de sua carreira ele ainda não estava profundamente envolvido nas atividades políticas do partido. Sua participação mais ativa se deu depois de um episódio marcante: apesar de sua orientação conservadora, foi nomeado em 1885 promotor público em Mossoró, no Rio Grande do Norte, por um partido liberal e, ironicamente, demitido quando um governo conservador chegou ao poder. Alguns meses depois, em 1886, assumiu o mesmo cargo em Itabaiana, passando um ano depois a juiz municipal.

A partir de então, Oliveira Telles narra um longo período de turbulências em sua vida, detalhando como suas ações e a dinâmica política influenciaram negativamente sua carreira:

Atirei-me então ao partido conservador com alma e coração. Adquiri rancorosas inimizades e desafeições indomáveis. Sofri perseguições, lutei como um louco; ora desatinadamente, ora com a razão de meu lado. Sendo o partido conservador naquele lugar inferior em força, com outras causas originadas de meus desatinos de moço, minha posição foi tornando-se sobremodo insustentável; eu mesmo pedi remoção. Era tempo pois o partido conservador estava em crise (Telles, 1915, fol. 8v.).

A Proclamação da República, em 1890, trouxe esperança a Oliveira Telles, mas não o alívio esperado. Ele apoiou fervorosamente a nova ordem, acreditando que resolveria seus problemas, entretanto, continuou a enfrentar processos e dificuldades. Mesmo após ser reintegrado ao cargo de juiz, os problemas persistiram, indicando que as mudanças políticas nem sempre trazem as soluções esperadas para problemas pessoais e profissionais:

De então para cá fui ainda mais infeliz. Nunca passei de Juiz Municipal e neste caráter estive dois anos em Gararu (1893-1895). Porque sou inimigo das opiniões indecisas declarei-me contra a tirania do Valadão, e depois do Tribunal da Relação o primeiro brado de protesto partiu da magistratura de Gararu; eu fui a cabeça pensante da oposição ali (Telles, 1915, fol. 9r.).

Oliveira Telles sublinha o sentimento de isolamento e a percepção de injustiça que experimentou nessa passagem, em que, juntamente com outros magistrados de Gararu, opôs-se ao governo de Manuel Valadão. Entretanto, enquanto seus colegas puderam usar sua riqueza, aceitaram novos cargos ou se refugiaram em outras regiões, o intelectual, sem o apoio de seu

próprio partido, sofreu as consequências de seus atos, sem fugir, contudo, de seus valores e princípios:

Achei-me só, completamente isolado, junto ao então chefe político Eusebio José de Carvalho. Exauriram-se de todo meus recursos. A crise apertou-me a tal ponto que cedendo a importunações da pobreza, sem meios para prover a subsistência da família, sem reputação de advogado que me facilitasse o ganha-pão, depondo escrúpulos e repugnâncias, tive de aceitar o encargo do Correio de Sergipe, mediante salário médico. Foi uma fraqueza? Creio que sim. [...]
Durante minha vida política jamais fui um trãnsfuga. Contudo, fui um escritor salariado afim de satisfazer a quatro estômagos pelos quais eu era responsável (Telles, 1915, fol. 4r./4v.).

Mais uma vez de volta a São Cristóvão, o escritor aponta uma fase em que parecia que sua situação estava melhorando, com a nomeação para dois cargos importantes em Sergipe: professor de grego do Atheneu Sergipense e diretor da Instrução Pública. Apesar dos novos cargos serem em Aracaju, Oliveira Telles continuou vivendo em São Cristóvão, pela estabilidade e tranquilidade da cidade e sua militância no partido local, como deixa registrado na narrativa epistolar:

Em São Cristóvão vivi muito pobre, mas minha pobreza era regalada. Ali minha vida era uma ordem tripartida de acontecimentos tranquilos, não sendo incompatíveis o juiz, o poeta e o pequeno lavrador.
Distribuía justiça, fazia versos, cantava por força de uma necessidade orgânica e abria leiras e sulcos para auxílio da vida (Telles, 1915, fol. 90v.).

Quando o Partido Cabaú⁴ assumiu o poder em Sergipe, Oliveira Telles foi nomeado seu presidente, permanecendo ainda na antiga capital do estado, contra a vontade de seus adversários:

Exultaram os adversários supondo que eu retirar-me-ia de São Cristóvão. Mas eu resolvi ficar, não só para lançar azedume na alegria dos adversários, como também porque alimentando a esperança de tornar ao quadro da magistratura não me convinha remover-me para a capital (Telles, 1915, fol. 117r.).

Considerando suas duas décadas de carreira, Oliveira Telles observa que muitos de seus contemporâneos tiveram sucesso e alcançaram posições elevadas no meio jurídico, muitas vezes superando-o. Diante desse contexto, o escritor expressa frustração por ter sido preterido repetidamente, mas também reconhece que sua resignação, embora talvez uma virtude que sustentou sua esperança, pode ter contribuído para a falta de reconhecimento de seu mérito.

Em um momento bastante filosófico dessa carta sem destinatário expresso, Oliveira Telles reflete sobre sua própria trajetória e a de outros indivíduos que, apesar de possuírem atributos e méritos, enfrentam desafios constantes e desencantos. O escritor sugere que há um enigma de fatalidade que marca a existência dessas pessoas, um destino inexorável que impede seu pleno sucesso. Apesar de terem todos as características necessárias e serem aceitos pela

⁴ O Partido Cabaú foi uma importante agremiação política em Sergipe durante a República Velha (1889-1930), que se colocava como uma reação à hegemonia política do Partido Republicano Sergipano (PRS), conhecido como “peba” ou “pebismo”. Ele representava os interesses dos pequenos proprietários rurais, dos trabalhadores urbanos e de outros segmentos da população que não eram favorecidos pela oligarquia dominante.

sociedade, não conseguem alcançar suas aspirações facilmente. De acordo com seu pensamento, a sociedade, com suas contradições, não é culpada pelos infortúnios desses indivíduos, pois favorece aqueles que sabem adaptar-se e insinuar-se:

Os primeiros a quem me refiro são ascios, não são facilmente contemplados porque não têm sombra. Podem ser sóis, mas giram longínquos. Mas o maior número às vezes pode ter muitas sombras e serem vistos demais. Serão planetas ou satélites, e por tal razão observados mais de perto. Presumo pertencer à ordem dos que não têm sombra para atraírem atenções demoradas. Disse, e vou repetir, que meu acanhamento é proverbial. Se a classificação de Leopardi pode compreender as inteligências modestas, eu poderei ocupar o plano de Rousseau ou adaptar-me ao meio também não me deixo por ele adaptar ou assimilar. Por isso vivo isolado (Telles, 1915, fol. 20v.).

Observa-se que, nessa carta, Oliveira Telles a todo momento oscila entre o sentimento de fatalidade da vida, a resignação e a renovação das esperanças. A cada oportunidade que lhe afigura, o escritor reacende seu entusiasmo por alcançar suas aspirações. No trecho abaixo, ele reconhece que, apesar da aproximação dos cinquenta anos, a juventude é mantida pelo desejo de continuar perseguindo os sonhos e ideais, deixando uma lição de otimismo e perseverança:

E agora compreendo que as aspirações não se acham extintas dentro de mim mesmo. O coração não morreu, a inteligência revigora-se assoberbada como se bebera em fonte misteriosa o elixir do remoçamento. A velhice é a paralisação dos sonhos e dos ideais. Contudo, a despeito das aproximações da meia idade, ou quando mesmo tenha transposto a quinta década de respiro vital, o homem é sempre moço toda vez que lhe bate no peito o impulso para voar (Telles, 1915, fol. 22v.).

Essa renovação de esperança surge de sua nomeação como juiz da comarca de Aracaju, que o deixa bastante feliz. Por conta da ocasião, pensando que teria que deixar sua amada São Cristóvão, Oliveira Telles reflete sobre sua contribuição à cidade e o impacto que teve na transformação cultural e política local:

Não se me taxe de imodesto e pretencioso por causa desta linguagem pura: o São Cristóvão de hoje é uma reconstrução minha. Soprei-lhe o costume do patriotismo, animei-lhe as veias com sobrançeria estranha, e lentamente fui transformando um resto de senzala em praça civilizada. Não me impus pela fortuna, que não tenho, mas insinuei-me pelos bons exemplos. Para mais avivar o interesse de meu empreendimento pedi ao meu estro rude, mas emovido, o auxílio do verso e celebrei em pequenos cânticos a cidade velha. Em certo sentido, bem encaminhada, a poesia é válido instrumento de propaganda; nem foi somente a lira que favoreceu-me com a elaboração da Cristofaneida; também pedi à pena de escritor sua quota de reclame e com o mesmo fim tracei em alguns capítulos uma monografia sobre o município. Organizei, posso dizer, por mim só, o partido político vigoroso e pujante que adotou o título de cabaú (Telles, 1915, fol. 24v.).

Ainda na carta de 1905, Oliveira Telles demonstra uma certa modéstia ao reconhecer mais uma vez sua própria timidez e aversão a expor-se, especialmente em situações em que precisava falar de si mesmo, destacando sua preferência por agir com discrição e humildade, em contraste com o que ele percebe como a busca por interesses próprios e a falsidade que muitas vezes dominam as relações humanas: “Sou por índole em extremo acanhado. Tenho medo de exhibir-me quando em certas ocasiões sou obrigado a falar de mim mesmo” (Telles, 1915, fol. 4r.).

Após a conclusão da carta de 1905, seguem-se mais 53 outras cartas enviadas, todas transcritas cuidadosamente, sem nenhuma rasura ou emenda. A maioria é endereçada a destinatários claramente identificados. No entanto, três delas não têm destinatário declarado e

outras três apresentam apenas uma sigla no lugar do nome do interlocutor. Embora essas correspondências não comecem com a menção do lugar e da data, conforme o protocolo epistolar, essas informações, quando existem, estão indicadas ao final.

Algumas dessas correspondências revelam que Oliveira Telles e seus destinatários nunca tinham tido contato pessoal, demonstrando uma amizade de papel e tinta, como se comprova em carta enviada a Sílvio Romero (14/06/1894) – “Mas creia, senhor doutor, por muitas circunstâncias encontradiças que não devo nomear, é só quanto tenho lido das suas obras; e com Bocage repito - Só conheço de ti grandeza e nome!” (Telles, 1915, fol. 132v.) – e a Aristides Navarro (26/07/1896) – “Somente de nome o conheço, e felizmente esse conhecimento não é daqueles que nos possam fazer acanhados; porquanto seu nome em Sergipe, dentre outras cousas grandiosas, quer dizer hospitalidade e proteção a seus patrícios” (Telles, 1915, fol. 87r.).

Na rede de sociabilidade epistolar do autor, destacam-se intelectuais sergipanos e de outras regiões do Brasil, escritores consagrados, juristas (alguns ex-colegas da Faculdade de Direito), importantes políticos e parentes. Com esses correspondentes, ele compartilha aspectos da vida política, social e cultural de Sergipe, apresenta análises críticas da sociedade que o cerca ao mesmo tempo em que tenta se entender como parte dela, e expõe o percurso de sua vida e efemeridades. Ademais, solicita auxílio em favor de si ou de outras pessoas, aprecia textos de seus interlocutores, disserta sobre a existência e as relações humanas, discute fenômenos linguísticos, lamenta-se e reflete sobre sua obra e sobre si mesmo.

Chama a atenção, em algumas conversas epistolares, o amor que Oliveira Telles devota a Sergipe:

Não amava senão Sergipe, e fossem quais fossem as ilusões e devaneios de outra terra seus encantos, suas belezas, suas seduções brilhavam aos meus olhos mas como assunto de comparação em que Sergipe naturalmente colhia a palavra engrandecida e vencedora. Amava com exclusivismo, não poucas vezes exasperado de ser tão sergipano (Telles, 1915, fol. 44r.).

O Barão de Studart é cearense, eu sou sergipano, ele ama entranhadamente o Ceará, eu adoro Sergipe com desvelo (Telles, 1915, fol. 47r.).

Contudo, ao nutrir um sentimento tão forte por sua terra natal, o escritor demonstrava autoridade para também levantar severas críticas. Ele não hesitava em apontar os problemas e deficiências que identificava, sempre com o objetivo de promover melhorias e incentivar a participação cívica entre seus conterrâneos. Seu patriotismo ia além do mero sentimento e se traduzia em ações concretas e reflexões ponderadas. Ao registrar essas informações, Oliveira Telles acabou por fornecer às gerações futuras um retrato de Sergipe e de algumas de suas cidades, evidenciando uma sensibilidade aguçada para as nuances da vida cotidiana e das relações humanas:

Sergipe realiza a sina de madrasta para seus filhos; os quais, quando muito felizes, consumirão a atividade nos tédios do funcionalismo do Estado: como eu, que sou juiz, é verdade, mas arrasto uma vida de decadências e de decepções (Telles, 1915, fol. 120v.).

Especificamente sobre a capital Aracaju, Oliveira Telles apresenta uma perspectiva bastante interessante, que justifica sua permanência em São Cristóvão:

A capital de Sergipe é a cidade mais cara e mais incômoda do Brasil. Vive-se aborrecido e apertado em ruas largas ocupando casas sem o menor conforto e higiene. Por esta razão sou obrigado a residir em São Cristóvão, outro termo da comarca, onde a existência também se vai apertando em razão do minúsculo progresso que alcançou com o assentamento de uma fábrica de tecidos e uma estação da Estrada de Ferro (Telles, 1915, fol. 110v/111r.).

Para encaminhar um juízo, considere que a capital de Sergipe, cidade-mãe de tantos talentos juvenis, aproveitáveis e enérgicos, é estacionária no ponto de vista do progresso do pensamento. Não possui uma revista científica, não conta uma sociedade de letras; é a menos literária das capitais do Brasil (Telles, 1915, fol. 82v.).

A correspondência de Manuel dos Passos de Oliveira Telles não era meramente um veículo de comunicação, mas um instrumento estratégico para a construção de sua persona literária e social. Por meio da escrita epistolar é possível observar um esforço deliberado de se posicionar como um erudito e um pensador crítico, tentando transcender as limitações geográficas e alcançar um público mais amplo. Analisando esse conjunto de cartas, pode-se compreender melhor sua visão de mundo, suas influências literárias e filosóficas, bem como as relações pessoais e profissionais que moldaram sua trajetória.

Algumas das missivas transcritas na coletânea *Cartas Íntimas e Literárias* revelam-se como espaços dialógicos com outros intelectuais e escritores de sua época, onde Oliveira Telles trocava ideias e fornecia e recebia feedback.

Sobre seus gostos literários, revela um profundo apreço pela literatura clássica latina e pela filosofia estoica, incluindo autores como Virgílio, Horácio, Ovídio e Sêneca, que eram frequentemente estudados nas escolas e marcaram sua juventude, além de um interesse curioso pela literatura “macarrônica”, a exemplo da obra *Palito Métrico*, que combina erudição e humor. O intelectual também deixa registrado em sua correspondência que uma de suas predileções é o folclore brasileiro, campo ao qual se dedicou, com foco nas tradições de Sergipe.

Como escritor, Oliveira Telles admite ainda que, no movimento da poesia, não se alinha a nenhuma escola específica, o que lhe confere uma certa ousadia. Ele afirma conservar-se “um pouco antigo sem todavia deixar de ser novo” (Telles, 1915, fol. 132v.), sugerindo uma fusão de tradições literárias clássicas com uma abordagem contemporânea e original.

Em suas apreciações de obras de escritores iniciantes ou consagrados, Oliveira Telles sempre demonstra um tom cortês e respeitoso, valorizando a intenção e o esforço do autor, sem deixar de reconhecer e contextualizar eventuais falhas.

Do mesmo modo, quando algum autor envia algum comentário à sua obra, ou faz algum trabalho em que o inclui, Oliveira Telles se vale de grande modéstia e humildade. Em carta enviada ao compatriota Sílvio Romero, escreve:

Devendo ao obséquio de um amigo a leitura de seu livro – História da Literatura Brasileira –, vi no estudo sobre nosso patricio Pedro de Calasans citado meu humilde nome. Para mim foi causa de surpresa e incentivo de gratidão, vista a distância que entre nós medeia; e porque o amigo é um gigante do espírito, reavivou-me a ideia, que sempre afanei, de dirigir-me ao amigo (Telles, 1915, fol. 131r.).

De todas as cartas inseridas na coletânea, a que destoa bastante da gentileza e paciência de Manuel dos Passos de Oliveira Telles, sem deixar de ser eloquente, é uma direcionada “a um juiz”, sem nomeá-lo, com data de 19/09/1886, recém-chegado de Recife e residindo na cidade de Itabaiana, onde já sofria injúrias e perseguições políticas. Essa carta expõe uma resposta escrita de maneira enérgica, mas bem fundamentada, a alguém que difamou o autor:

De certo é preciso ter estômago forte afim de sequer um instante tolerar a lembrança de um tal tipo, apreensivo de uma pneumatose intestinal. Acabarei a silhueta observando que entrou na vida pela porta do ridículo. É sua condição existencial (Telles, 1915, fol. 170v.).

Na missiva, Oliveira Telles nega acusações feitas contra ele pelo destinatário, como ser ateu e sua falta de inteligência política, ao mesmo tempo em que defende sua integridade, refutando falsas afirmações. Pelo teor da carta, o escritor apresenta a si mesmo como alguém de princípios firmes e convicções sólidas, que se recusa a se rebaixar ao nível daqueles que o difamam. Sua autorrepresentação é de alguém que valoriza a integridade e a honestidade, tanto em suas ações quanto em suas palavras.

O emprego de uma linguagem sofisticada e de referências literárias e culturais para transmitir suas ideias e argumentos sugere que o escritor se vê como alguém educado e intelectualmente refinado:

O puro sentimento que bebi no leite materno, a honestidade que sempre conheci no seio de minha família; a educação que recebi; a par do pouco de experiência que tenho do mundo, em qualquer tempo levam-me a apresentar-me aos homens tal qual eu sou.

Prefiro ser vítima da linguagem do Curador de Reynaldo, que é fraseado de meliante, a responder no mesmo tom. O que quer que saia de minha pena, é no mesmo estilo em que falo a minha mãe, aos meus mestres, aos meus amigos; no mesmo estilo em que converso com os meus ideais. Assim pois qualquer homem de bem pode ler o que eu escrevo (Telles, 1915, fol. 172v.).

Por fim, é digno de nota que surge uma aparente contradição entre a maneira como Oliveira Telles se retrata em suas correspondências, destacando-se como alguém de princípios sólidos e escrúpulos, e seu envolvimento em relações de favores e compadrio. Contudo, essa contradição pode ser compreendida à luz de suas circunstâncias pessoais e profissionais. Como profissional que não havia alcançado os objetivos desejados, ele poderia estar agindo movido pelo desespero em um ambiente competitivo. Além disso, sua desilusão no cenário intelectual local e a pressão para prover sustento à sua família, incluindo a garantia de emprego para seu filho, podem ter influenciado suas escolhas. Portanto, em uma análise detalhada de suas cartas, fica evidente que Oliveira Telles busca interação com indivíduos de considerável capital social, com o intuito de solicitar auxílio financeiro, buscar ascensão na hierarquia burocrática ou obter apoio para pessoas próximas, incluindo o filho de um amigo, seu genro e, em diversas ocasiões, seu filho mais novo.

Em carta ao Monsenhor Olímpio Campos (s/d) manifesta seu interesse em assumir a comarca de Aracaju como juiz. Mais tarde, solicita ao general Siqueira Menezes, em 18/09/1913, a nomeação ao cargo de desembargador, pedido que não foi atendido, como deixa registrado: “Não foi atendida. O nomeado foi o doutor Evangelino de Faro. Mais uma decepção” (Telles, 1915, fol. 110r.).

O desespero de Oliveira Telles por conta de seus infortúnios é tão intenso que chega a cogitar deixar Sergipe:

Dirijo-me pois ao patricio a quem vou incomodar com esta pergunta: –Poderá proteger-me aí em Vitória, se por acaso eu fizer o sacrificio de emigrar para lá?

O Estado de Sergipe, de liquidado, não oferece mais recursos. Ambiciono uma vida modesta, um ganha-pão de cada dia, au jour le jour. Desejo estabelecer um escritório de advogado. Quanto a minhas habilitações não sou eu quem as dirá... (Telles, 1915, fol. 88v.).

Algumas das cartas de teor petição possuem comentários que expressam se os pedidos foram atendidos ou sobre alguma situação ligada ao destinatário, a exemplo da missiva enviada ao doutor S.A.B., na qual Oliveira Telles pede emprestada a quantia de 200 mil réis:

Nota. – O amigo, destinatário desta, somente emprestou metade da quantia pedida. Fiquei reconhecido e grato.

Anos depois, em 1892, por ocasião de uma eleição municipal, como fossemos adversários políticos, não tendo querido eu acompanhá-lo, lançou-me em rosto este mesquinho favor! (Telles, 1915, fol. 84v.).

As marcas discursivo-literárias do “si fragmentado” e “fragmentário” na obra autobiográfica de Oliveira Telles podem ser localizadas em vários níveis textuais e narrativos, evidenciando a tensão entre memória, identidade e escrita⁵. A estrutura fragmentada da narrativa, muitas vezes, reflete a não-linearidade do texto, construído a partir de lapsos, saltos temporais e disjunções, evidenciando a fragmentação da experiência e da memória.

A memória aparece como um reflexo e uma refração, especialmente em repetições e revisões que evidenciam o caráter construído e dinâmico do eu, sendo possível identificar múltiplas identidades: Oliveira Telles estudante em Recife, Oliveira Telles filho, Oliveira Telles esposo e pai, Oliveira Telles jurista, Oliveira Telles amigo, Oliveira Telles político, Oliveira Telles na sociedade sergipana, etc. O ato de visitar memórias, reinterpretando-as ou contradizendo versões anteriores, revela como o si é constantemente reconstruído.

⁵ Derrida, em *Mal de arquivo* (2001), discute a relação entre memória, identidade e arquivamento, argumentando que a memória é inseparável do processo de registro. O que esquecemos ou escolhemos lembrar, segundo o autor, molda diretamente a identidade, que se revela fragmentária e impossibilitada de alcançar uma totalidade fixa. De modo complementar, Paul Ricoeur, em *A memória, a história, o esquecimento* (2007), destaca a memória como fundamento da construção identitária, diferenciando memória individual de memória coletiva, ambas mediadas pela narrativa. Para Ricoeur, a identidade narrativa é tecida pelas histórias que contamos sobre nós mesmos, sendo essas narrativas marcadas por lembranças, interpretações e atos de esquecimento. A seletividade da memória reflete, assim, tanto o que desejamos preservar quanto o que decidimos apagar, configurando um “si mesmo” em constante reconstrução.

Episódios ou narrativas fragmentárias relacionados a experiências traumáticas resistem à linearidade e à coesão narrativa, enquanto lugares, pessoas e objetos ativadores de memórias são descritos de forma ambivalente, refletindo a refração das vivências do autor. A identidade em construção é visível em momentos de autorreflexão, nos quais o autor reflete sobre o próprio ato de escrita e suas limitações, mostrando a tentativa de construir uma identidade enquanto ela ainda se fragmenta no processo. A oscilação entre o individual e o coletivo também emerge como um traço marcante, incorporando elementos da história coletiva ou social que moldam e tensionam o sujeito, tornando-o um ser em busca de si e um crítico da sociedade.

O si fragmentário aparece ainda por meio de contradições e ambivalências internas, apresentadas em comportamentos, pensamentos ou crenças que entram em choque, criando uma narrativa que abraça as contradições como parte da identidade. Mudanças de tom ou estilo, com transições entre registros literários (poético, reflexivo, confessional, descritivo), refletem a multiplicidade de vozes do sujeito.

A partir do exposto, fica evidente que *Cartas Íntimas e Literárias* de Manuel dos Passos de Oliveira Telles revela uma faceta essencial de sua autorrepresentação. Embora inicialmente possam parecer meramente pessoais, essas correspondências assumem um papel fundamental na construção da identidade do autor e na análise de sua obra dentro do âmbito da literatura autobiográfica. Por se tratar de cópias, as missivas que compõem a obra perderam muitas características expressivas do contexto epistolar. Os aspectos relacionados à estrutura foram mitigados no processo de cópia, exemplificados pelo uso esporádico da localização espaço-temporal e pela ausência de expressões apelativas conjuntivas que indicam o vínculo entre os interlocutores, anúncios performativos que sinalizam o fim da carta, atos confirmativos do elo relacional ou saudações disjuntivas.

Conjectura-se que isso ocorre porque o objetivo de Oliveira Telles ao transcrever suas correspondências foi armazenar o conteúdo fundamental: destinatário, texto e datas. Algumas cartas incluem comentários sobre os resultados de solicitações feitas pelo escritor (como pedidos e empréstimos), reforçando ainda mais a ideia de que o foco principal da obra é registrar as informações contidas no conjunto epistolar selecionado. Desta forma, *Cartas Íntimas e Literárias* representa um projeto autobiográfico de Oliveira Telles de preservação e transmissão de seu legado, que visa servir a futuras gerações, retirando o autor da obscuridade literária em que acreditava ter vivido.

Enquanto Oliveira Telles reflete sobre si mesmo e sua relação com a sociedade sergipana através dessas cartas, questões de representação e narrativa autobiográfica emergem como elementos-chave para compreender não apenas a vida do autor e seu *ethos*, mas também seu significado dentro do contexto mais amplo da cultura e da história de Sergipe.

Considerações finais

O livro *Cartas Íntimas e Literárias*, de Manuel dos Passos de Oliveira Telles, exemplifica claramente a complexidade e a riqueza do gênero epistolar. As cartas compiladas revelam não apenas eventos pessoais e históricos, mas também exploram as emoções e pensamentos do autor, permitindo que seus leitores tenham acesso a uma dimensão mais completa de sua(s) identidade(s). Suas observações sobre a vida cotidiana, as relações humanas e as questões sociopolíticas são filtradas por um olhar crítico e sensível, que busca sempre o autoconhecimento e a evolução pessoal.

Assim, muito mais do que registros históricos, as missivas de Oliveira Telles são um exercício contínuo de autorreflexão, de autorrepresentação e de afirmação de seu papel social, revelando um autor profundamente consciente de si e de seu entorno, cuja escrita serve como um espelho para si e uma janela para o mundo.

Dessa escrita introspectiva e fragmentária⁶ de um intelectual “acanhado” e “obscuro” emana uma riqueza de pensamentos e sentimentos que transcende o tempo e o espaço. Oliveira Telles, por meio de sua correspondência, e mais do que isso, desse projeto literário epistolar, consegue transportar o leitor para o seu universo pessoal, em que as fronteiras entre o público e o privado se tornam tênues. Cada carta é um reflexo da sua busca incessante por entendimento e expressão, demonstrando, no momento da escrita, um homem modesto, capaz de mudar de ideia, revisar posições anteriormente declaradas e refletir sobre o espírito de uma época.

Através dessa coleção epistolar, é possível apreciar a capacidade do autor de transformar o cotidiano em matéria literária, elevando experiências comuns a um nível universal. Suas reflexões sobre temas como a gratidão, a amizade, a justiça, o amor, a moralidade e a resignação são impregnadas de uma profundidade que desafia o leitor. Além disso, a forma como Oliveira Telles se posiciona diante das adversidades e celebra as pequenas vitórias oferece uma lição de resiliência e otimismo, mesmo diante de circunstâncias desafiadoras.

Assim, *Cartas Íntimas e Literárias* constitui-se como patrimônio documental que contribui significativamente para a preservação e difusão da memória individual de Manuel dos Passos de Oliveira Telles e da memória cultural sergipana. Sua escrita subjetiva e crítica oferece uma visão única da complexidade humana, tornando-se valiosa não apenas como documento histórico, mas também como obra literária de grande valor. O trabalho de Oliveira Telles atravessou o século e merece sair do “obscurantismo” e ser apreciado, inspirando diversas pesquisas em várias áreas do conhecimento e oferecendo um vislumbre íntimo da vida, do pensamento e do estilo de um intelectual singular.

⁶ Fragmentária porque a narrativa não se apresenta linear e coesa, o que permite que Oliveira Telles recupere momentos específicos de forma mais autêntica, respeitando a singularidade e a intensidade de cada experiência ou reflexão. Essa forma de escrita está intimamente ligada à natureza subjetiva da memória e do processo de rememoração, que frequentemente ocorre em flashes, guiados por associações livres, emoções e contextos particulares.

Referências

- ALBUQUERQUE, S. B. de M. Falas da presidência da Casa de Sergipe. In: ALBUQUERQUE, S. B. de M.; SANTOS, M. F. de J.; SANTOS, A. L. S. M. (Orgs.). *História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe: os 100 anos do IHGSE*. Aracaju: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, 2014. p. 15-22.
- BITENCOURT, M. L. *Homens do Brasil – Sergipe*. Rio de Janeiro: Livraria Gomes Pereira, 1913.
- CABRAL, S. G. E. Correspondências poéticas. *Postais: Revista do Museu Correios*, ano 3, n. 4, Brasília, jan./jun. 2015, p. 97-121.
- CARVALHO, M. da C. *Cordialmente, Eduardo Frieiro: fragmentos (auto)biográficos*. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECAP-7D4K2P>. Acesso em: 02 abr. 2024.
- CASTILLO GOMÉZ, A. Sociedade e cultura epistolar na história (séculos XVI-XX). *Grafias no Cotidiano: escrita e sociedade na História (séculos XVI a XX)*. Trad. Cristina do Rego Monteiro Bomfim e Fabiana Calixto. Rio de Janeiro: Eduerj; Niterói: Eduff, 2020. p.125-165.
- CHIZOLINI, I. C. *Simplemente um Obscuro Intelectual Sergipano: Escritos sobre a vida íntima de Manuel dos Passos de Oliveira Telles (1885-1928)*. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Departamento de História, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2005.
- COSTA, E. *Manuel dos Passos*. Aracaju: Movimento Cultural de Sergipe, 1955.
- COSTA, R. F. Entre cadernos, livros e papéis avulsos: o dossiê autobiográfico de Oliveira Telles. *Revista Terra Roxa e Outras Terras*, v. 44, n. 1, jun. 2024, p. 137-154.
- DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- DIAZ, B. *O Gênero Epistolar ou o Pensamento Nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Trad. Brigitte Hervot e Sandra Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.
- HAROCHE-BOUZINAC, G. *Escritas Epistolares*. Trad. Ligia Fonseca Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Org. Jovita Maria Gerheim Noronha; Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- MECENAS, A.; SANTOS, M.; CARVALHO, A. de (Orgs.). *Ao romper do século XX: o município de São Cristóvão por Manuel dos Passos de Oliveira Telles*. Aracaju: Criação Editora, 2023. Disponível em: <https://editoracriacao.com.br/ao-romper-do-seculo-xx-o-municipio-de-sao-cristovao-por-manuel-dos-passos-de-oliveira-telles>. Acesso em: 20 maio 2024.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- ROCHA, V. M. da. *Por um protocolo de leitura do epistolar*. Niterói: Eduff, 2017.
- RODRIGUES, S. (Org.). *Cartas Brasileiras: correspondências históricas, políticas, célebres, hilárias e inesquecíveis que marcaram o país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- SEARA, I. R. *Da epístola à mensagem eletrônica: metamorfoses das rotinas verbais*. Tese (Doutorado em Linguística) - Departamento de Língua e Cultura Portuguesa, Universidade Aberta, 2006. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/2411>. Acesso em: 20 mar. 2024.
- TELLES, M. dos P. de O. *Cartas Íntimas e Literárias* (1915). Fundo Oliveira Telles do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, manuscrito, Cx. 186, doc. 003, vol. 3.